

# Um telefone despertou o educador

*História de advogado que buscava um simples aparelho, mas comprou escola e concretizou sonho de criança*

Onde começa uma história? No próprio nascimento? No momento em que os futuros pais fazem promessas de amor e cumplicidade? Quando Nicolau Francisco Teixeira e Benedicta Rodrigues Teixeira se uniram, em Caraguatatuba, litoral norte de São Paulo, não imaginavam por quais caminhos cada um de seus cinco filhos enveredaria. Também não faziam ideia que dona Doquinha, como Benedicta era conhecida por familiares e amigos mais chegados, terminaria sua passagem na Terra deixando para o marido a responsabilidade de amar, cuidar e educar Nicolau, Euclides, Lourival, Nelson e o caçula, Milton, que contava na época com apenas cinco anos de idade.

Um ano após a partida de Benedicta, Nicolau decidiu se mudar com os filhos para Santos. A casa simples perto do Mercado Municipal viu o menino se transformar num jovem adorador de livros. Nem por isso tinha medo do trabalho braçal, fundamental para ajudar a família. Sonhando em se tornar professor, Milton guardava com apreço todas as tarefas de Literatura e Língua Portuguesa. O educador começava a ganhar espaço em sua personalidade.

Aos 18 anos, Milton passou no concurso para o Banco do Brasil. Lá, pôde exercer, enfim, o talento de educador. Dava aulas no curso preparatório para funcionários do banco, intitulado Curso Brasil. Na mesma época, conheceu uma jovem chamada Nilza, com quem se casou.

Formou-se bacharel em Ciências Jurídicas, quando já era pai de duas meninas. Queria montar o próprio escritório e, para isso, precisava de uma linha telefônica. Decidiu comprá-la depois de ver um anúncio de jornal, e encontrou uma vendedora, chamada Cecília. Foi ao endereço indicado nos classificados: Avenida Rodrigues Alves, 332, no bairro do Macuco.

O local abrigava uma escola primária, que tinha como alunos filhos de portuários. Ao conversar com dona Cecília, no entanto, descobriu que ela só venderia a linha telefônica sob uma condição: a de que o interessado em comprar adquirisse também o imóvel onde a escola funcionava, pois a instituição encerraria as atividades.

A compaixão por aquelas crianças

## No início, 26 alunos; hoje, 15 mil

Eram 26 alunos. Vinte e seis crianças pobres, de origem familiar portuária, que ficariam sem a escola. A casinha na Rodrigues Alves era apenas uma construção modesta para qualquer pessoa que passasse por aqueles lados do Macuco. Para Milton Teixeira, era o embrião de um gigante. O olhar diferenciado do empreendedor nato fez com que as oportunidades e possibilidades se multiplicassem até onde o desejo dele quis.

Eram três funcionários: Milton, a esposa Nilza e a cunhada Emília. Um único sonho, desde o início: transformar aquela pequena escola primária numa grande fonte de disseminação do conhecimento. Nem que para isso tivesse que abrir mão dos bens materiais conquistados com muito trabalho e dedicação. Nem que fosse preciso abdicar do emprego que lhe garantia uma vida financeira estável junto à sua família.

Para ser um grande empreendedor não basta ter visão, boa perspectiva do mercado financeiro, prever o futuro. É preciso ter coragem e desprendimento. No caso de Milton Teixeira, a vontade de servir, de se doar para a comunidade que o recebeu na infância, levou-o a tomar decisões que poderiam ser consideradas loucuras.

Desfez-se do único imóvel que possuía, a casa onde residia com a esposa, e comprou a escola. A matemática para manter a instituição era diferenciada:

não permitiu que Milton simplesmente aceitasse o fim da possibilidade delas terem preservado o direito à educação. Transferiu seu escritório para o local e, com a ajuda da esposa e da cunhada, a pequena Escola Primária Santa Cecília prosperou.

Milton Teixeira foi convidado por colegas advogados para organizar um curso preparatório para candidatos de um concurso para o cargo de agente fiscal de tributos, do Ministério da Fazenda. Ele decidiu pleitear uma das vagas e foi aprovado, mas para o município de Itajaí, em Santa Catarina.

As atividades da Escola continuaram a crescer, mesmo durante sua permanência no sul do país. Em 1966, o agora Colégio Santa Cecília criou um curso técnico em endereço diferente do inicial.

Cinco anos depois, a família Teixeira criou o primeiro curso de graduação noturno da Baixada Santista: a Faculdade de Engenharia. O objetivo era permitir que jovens trabalhadores também disputassem o mercado de trabalho.

Em 1974, Milton pediu transferência para Santos e pôde voltar à Escola para ministrar aulas nas horas vagas.

Mas a veia de educador não permitiu que o emprego de chefe de departamento da Alfândega sepultasse o ideal de educador. Optou por abandonar o cargo federal para se dedicar ao ensino.

A fé na educação sustentou a crença de que a pequena escola seria o embrião de um Complexo Educacional. Pouco mais de 50 anos depois, o Complexo reuniria mais de 15 mil estudantes, da educação infantil à pós-graduação.

O exemplo de Milton Teixeira serviu aos seus filhos como guia para que também buscassem contribuir para a educação. Sílvia, Lúcia, Maria Cecília e Marcelo seguiram os passos do pai neste compromisso.

Como homenagem póstuma, no próximo dia 16 de outubro, quando Milton Teixeira comemoraria 82 anos de vida, será reinaugurada a casa da Rodrigues Alves, onde tudo começou. O local que, após a restauração, manteve como lembrança, entre outras coisas, o simbólico telefone, motivo do início de todo esse sonho, abrigará ações sociais, em parceria com a prefeitura e entidades não governamentais.



Apixonado pelos livros, o professor Milton Teixeira escreveu 12 obras

### A paixão pelos livros

Aos 16 anos, Milton Teixeira descobriu o prazer de escrever, que foi aprimorando ao longo da vida. Publicou 12 livros. Os temas das obras são uma espécie de biografia, pois têm relação com cada momento da vida profissional e pessoal do educador. O primeiro foi *Matemática Comercial para Concursos do Banco do Brasil S.A. e D.A.S.P.* (Editora Melhoramentos, 1955).

Cursando a Faculdade de Direito, escreveu o segundo, *Imagens Acadêmicas* (1958) e o terceiro: *Os homens apontaram o veredito... e Deus?* (1960), ambos pela Editora Reis, Cardoso, Botelho S.A. Já bacharel, escreveu *Confissões de um Advogado* (Massao Ohno Editora S.A., 1963).

Na Academia Santista de Letras, onde tomou posse em 15 de outubro de 1975, Milton teve como patrono o pintor e intelectual Benedicto Calixto, que mais tarde viria a ser tema de um de seus livros. Milton Teixeira presidiu a Academia entre os anos de 1980 e 1982.

Em 1982, Milton escreveria o livro que, segundo ele, mais o marcou: *Ribeiro Couto, Ainda Ausente* (Editora do Escritor, SP). Por esta obra, naquele ano, Milton receberia o Prêmio Joaquim Na-

buco, da Academia Brasileira de Letras.

Em seguida, escreveu *Um Passado Inesquecível* (Gráfica A Tribuna, 1984) e cinco anos depois, em 1989, *Lembranças da Casa Amarela* (Editora Uniceb). Ele decidiu homenagear o patrono escrevendo *Benedicto Calixto – Imortalidade*, em 1992 (Editora Uniceb).

Mais de 30 anos após o lançamento da publicação que lhe rendeu o prêmio da Academia Brasileira de Letras, Milton Teixeira voltaria a escrever sobre o poeta e diplomata que tanto admirava. Lançou *Ribeiro Couto, 30 Anos de Saudade*, em parceria com o embaixador Vasco Mariz (Editora Uniceb, 1994).

Em *Universidade Santa Cecília, Uma Lição de Vida*, publicado em 2001, pela Editora Unisanta, Milton Teixeira se mostrou um pesquisador cuidadoso com os fatos históricos.

*A Máquina do Tempo, o Inexorável da Vida*, volumes 1 e 2, também publicados pela Editora Unisanta, em 2002 e 2003, respectivamente, apresentam a face de jornalista, que exerceu profissionalmente durante alguns anos nos jornais *O Diário* e em *O Estado de S. Paulo*, na sucursal de Santos. O Chanceler reuniu mais de 200 anos em imagens do período de 1800 até 2002.

Cecília, em 1966.

Em 1969, a família Teixeira comprou o colégio Monte Serrat, na rua Oswaldo Cruz, 266, no bairro do Boqueirão. Ali nasceria a Universidade Santa Cecília, referência em educação para Santos e região.

Expandindo-se pelo quarteirão e atravessando a rua, a UNISANTA, 51 anos depois, é hoje o maior complexo educacional da Baixada Santista e um dos mais importantes do País. Os 26 alunos se transformaram em 15 mil, do ensino fundamental à pós-graduação.

Milton, presenteado pela vida, talvez por causa de seu dom natural de servir, pôde assistir ao desenvolvimento de seu gigante, que para manter-se de pé requer o auxílio de milhares de funcionários.

Mas nem por isso Milton deixou de tratar aqueles que davam vida à sua criação com atenção e carinho. Foi marcante para seus colaboradores e alunos vê-lo durante anos caminhar pelos pátios do complexo, de mãos para trás, como se inspecionasse se tudo estava correndo a contento. Ao fim da tarde, início da noite, quando os funcionários começavam a chegar para mais um dia de trabalho, Milton os recebia sentado no banco da entrada da rua Lobo Viana. Acenava e fazia questão de cumprimentar a todos pelo nome, não importava o cargo que ocupassem.



Milton e professoras na Escola Primária Santa Cecília

quanto mais Milton dividia, doava e emprestava, mais somava aos resulta-

dos. Foi assim que a Escola Primária Santa Cecília se tornou o Colégio Santa



# O legado de Milton Teixeira

A dedicação de Milton Teixeira à cultura, educação e ao esporte da região, deixaram marcas profundas na história de Santos. Seus filhos têm-no como um exemplo de ser humano, merecedor de todas as manifestações de carinho de pessoas ilustres e anônimas

“

Milton representa o espírito de luta de uma pessoa bem simples que valorizou todos os que estavam ao seu lado. Ele deixa uma obra de nível mundial, seja na literatura, no esporte, nas artes. Ele nunca deixou de lutar. Seu olhar para o outro, sempre com caridade, foi marcante para todos nós. Fica de Milton essa alegria, a vontade de viver, a lição de união, perseverança e liderança

SÍLVIA TEIXEIRA PENTEADO  
REITORA DA UNISANTA

Toda e qualquer palavra será pouca para falar sobre meu pai. Ele teve uma vida muito dinâmica, em todas as áreas. Sempre muito amoroso. Tenho orgulho de tê-lo como pai. Ficam as recordações de momentos que passei ao seu lado aqui no Santa Cecília, no Santos Futebol Clube e em tantas outras atividades

MARCELO TEIXEIRA  
PRÓ-REITOR ADMINISTRATIVO DA  
UNIVERSIDADE SANTA CECÍLIA

A comunidade Ceciliana sente-se cada vez mais unida para tentar continuar a obra construída por Milton Teixeira. Nos mais de 40 anos que tivemos a felicidade de com ele conviver muito aprendemos, não só no campo educacional, mas também na vida espiritual

ZULIKA SENER  
PRÓ-REITORA ACADÊMICA DA UNISANTA

Fui contemporâneo de Milton Teixeira quando estudávamos na Faculdade de Direito da UniSantos. Éramos colegas e amigos. Desde aquela época, tenho admiração por seu trabalho, então como líder estudantil, e depois, por tudo o que ele fez

GILDO DOS SANTOS,  
DESEMBARGADOR APOSENTADO DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE SÃO PAULO  
E PROFESSOR TITULAR DE DIREITO PROCESSUAL CIVIL DA UNISANTA

”

Milton Teixeira foi professor de todos nós. Teve uma vida generosa, sabia valorizar as pessoas. Contribuiu muito nas áreas de esporte e da educação. Deixa um legado muito importante para as novas gerações

HUMBERTO CHALLOUB  
DIRETOR DA FACULDADE DE ARTES E  
COMUNICAÇÃO DA UNISANTA

O legado de Milton Teixeira para Santos e região é inestimável. Respeitado pela inteligência, sensibilidade e visão de futuro, se destacou por criar uma instituição de ensino que, ao longo dos últimos 51 anos, vem educando crianças e jovens e forjando excelentes profissionais

JOÃO PAULO TAVARES PAPA,  
PREFEITO DE SANTOS

Papai, além de visionário, era professor na sua essência. Deixou um legado em todas as áreas. Ele era um professor do amor [...]. Na verdade, ele é o pai de muita gente, pois sempre ajudava as pessoas, repetindo para nós, seus filhos, que a mão direita nunca soubesse o que a mão esquerda fazia [...]. Ele foi um incentivador de pessoas. Incentivava-as a crescer. A cidade, que tanto amava, e o País estão em luto, mas o céu está em festa

LÚCIA TEIXEIRA FURLANI  
PRESIDENTE DA UNISANTA

Ao mesmo tempo em que há a dor pela perda de meu querido pai Milton Teixeira, existe a alegria em saber que ele deixou um legado de ensinamentos, de princípios, de caráter, de união, de amor, de fé

MILTON TEIXEIRA FILHO

Santos deve muito a Milton Teixeira, pela implantação do Complexo Educacional Santa Cecília, que atende jovens à procura de uma profissão e para fortalecer seu caráter e seu intelecto. Convivi quase 40 anos com ele, e o que mais me impressionou foi sua generosidade

ROBERTO PATELLA  
DIRETOR DA FACULDADE  
DE CIÊNCIAS DA UNISANTA

## De jogador de “bola ao cesto” à presidência do Santos

Mente sã, corpo são. Ao criar a expressão, talvez o poeta romano Juvenal não tivesse ideia que ela seria praticada e respeitada por um homem nascido no século XX e que viveu o início deste terceiro milênio. Milton Teixeira sempre acreditou que o esporte, além de cuidar do corpo, era fundamental para a formação das mentes.

Na juventude, praticou de tudo um pouco, mas gostava mesmo era de jogar basquete. Jogou pelo Vasco da Gama, Saldanha da Gama e pelo Brasil Futebol Clube. Depois foi para o Atlético Santista, no auge do clube. Foi campeão santista juvenil do esporte que, na época, menos adepto à americanização do idioma, era conhecido como bola ao cesto.

Com o passar dos anos, o talento para dirigente, no entanto, falou mais alto. Foi dirigente de importantes clubes de Santos, diretor da Liga Santista de Basquetebol e presidente da Liga Santista de Vôlei, sendo que sua equipe foi campeã pelo Torneio do Chile, em 1961. Foi candidato à presidência do Clube Atlético Santista, mas acabou perdendo para Emílio Justo, por uma diferença de três votos. Convidado a sucedê-lo, Milton Teixeira recusou.

Logo que o Colégio Santa Cecília começou a dar os primeiros passos, Milton Teixeira fez questão de incentivar oficinas e escolinhas de esportes. Até que, em 1973, a Universidade Santa Cecília competiu pela primeira vez no exterior. Sob a direção de Milton e depois de seu filho Marcelo, a UNISANTA formou uma das primeiras equipes de atletas da natação de alto nível e se transformou na maior força esportiva universitária da natação brasileira.

Até que a maior paixão no esporte, o Santos Futebol Clube, começou a ganhar cada vez mais espaço na sua vida. O então presidente do Santos, Ernesto Vieira da Silva, convidou Milton Teixeira para ajudá-lo. A condição que Milton impôs foi a de ter total liberdade para fazer o que acreditava ser o melhor para o futebol do Peixe. Vieira não teve como recusar. Milton assumiu a vice-presidência do Santos pela primeira vez em 1976 e já começou dispensando o técnico. Contratou Chico Formiga, que já conhecia o clube.

Ele usou toda sua capacidade de negociação e diplomacia para contratar o então artilheiro do São Paulo Serginho Chulapa. Depois, foi a vez de contratar Paulo Isidoro. Teve tempo e liberdade para ir modificando o time a seu gosto, até que 1983 o Time da Vila chegou à final do Campeonato Brasileiro. Não passou pelo Flamengo de Zico, mas a conquista do vice-campeonato teve sabor de vitória.

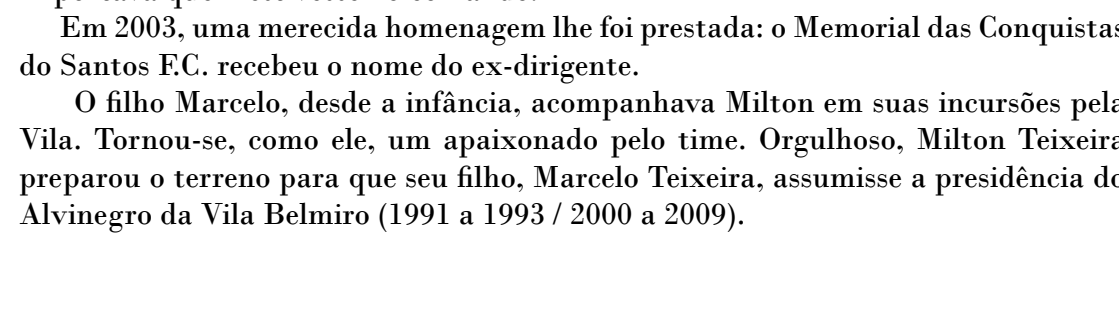
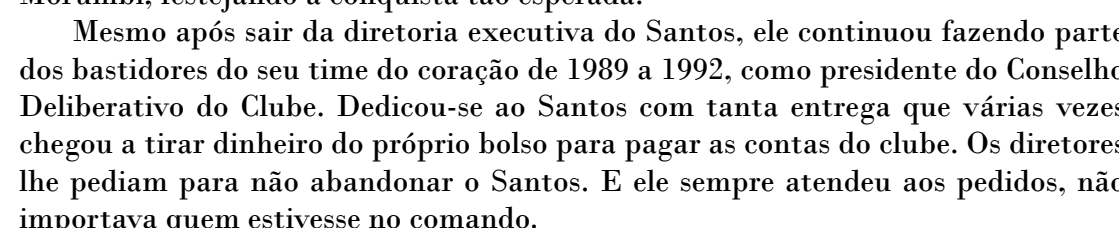
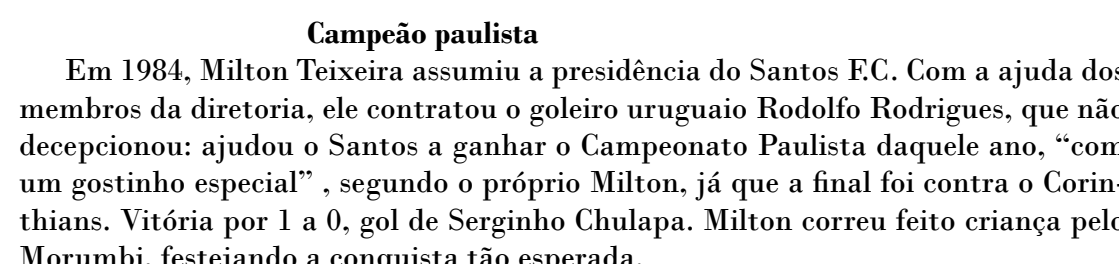
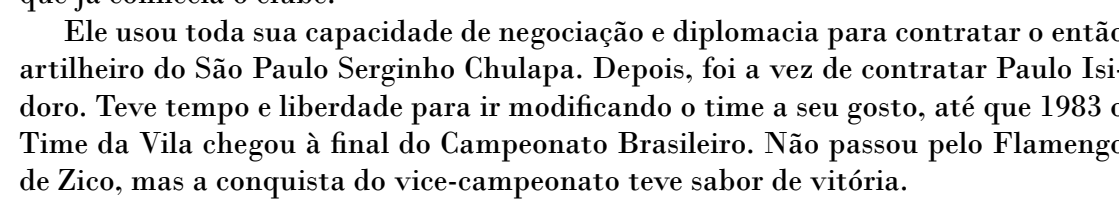
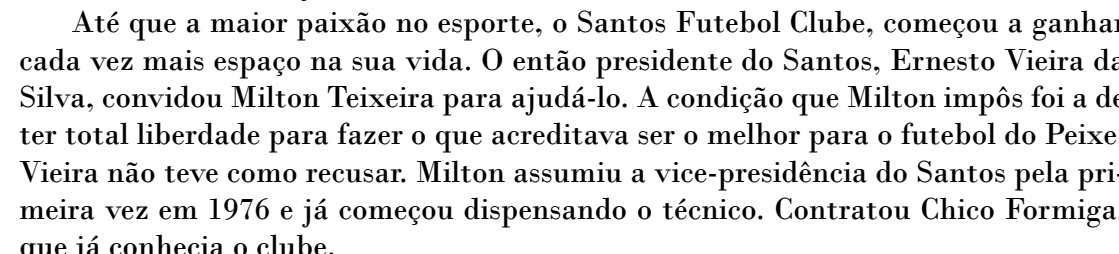
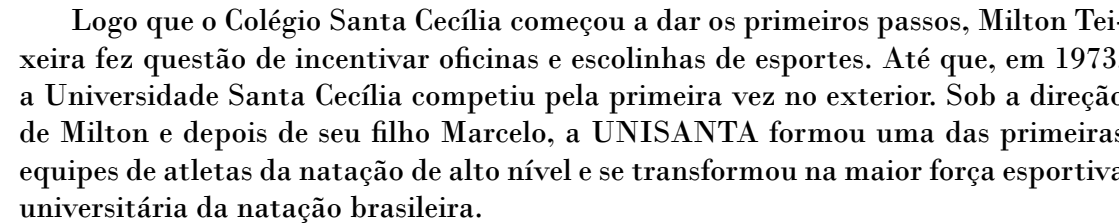
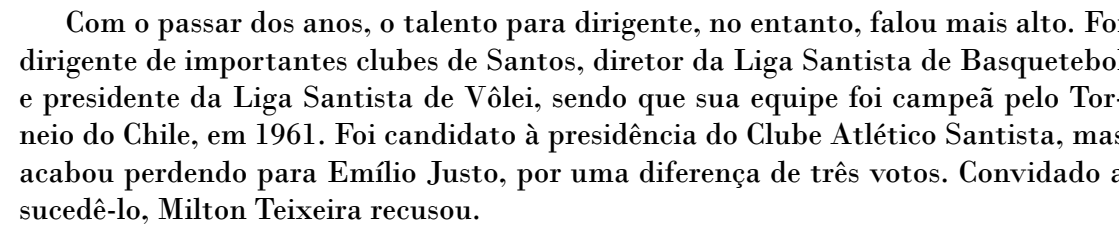
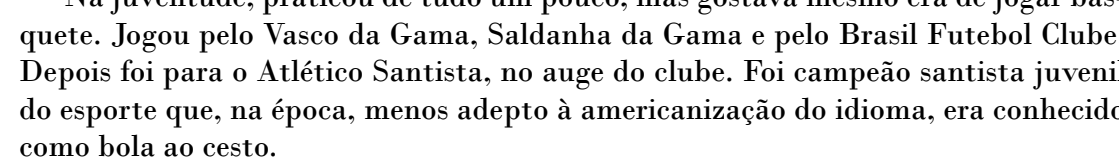
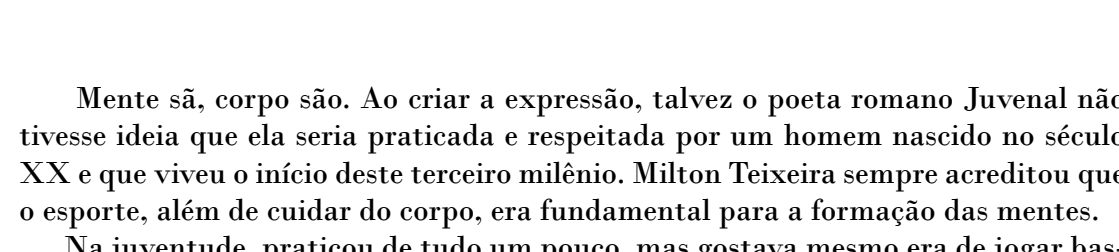
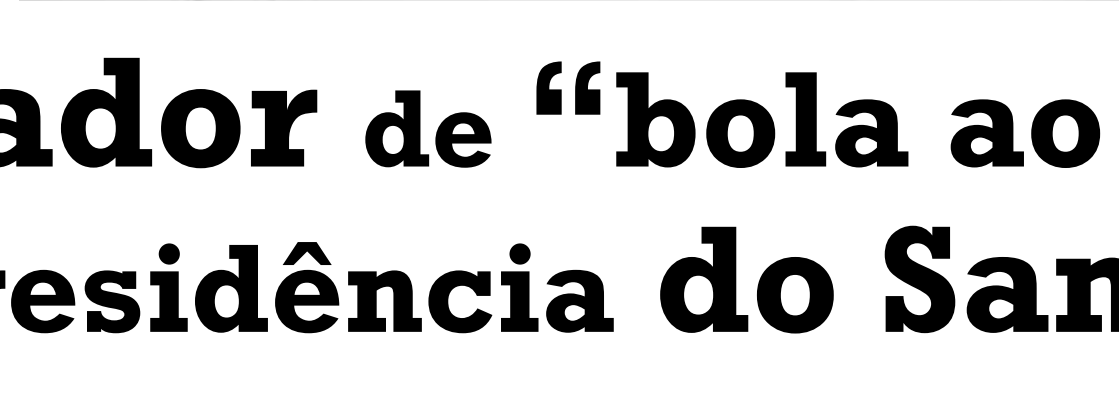
### Campeão paulista

Em 1984, Milton Teixeira assumiu a presidência do Santos EC. Com a ajuda dos membros da diretoria, ele contratou o goleiro uruguaio Rodolfo Rodrigues, que não decepcionou: ajudou o Santos a ganhar o Campeonato Paulista daquele ano. “com um gostinho especial”, segundo o próprio Milton, já que a final foi contra o Corinthians. Vitória por 1 a 0, gol de Serginho Chulapa. Milton correu feito criança pelo Morumbi, festejando a conquista tão esperada.

Mesmo após sair da diretoria executiva do Santos, ele continuou fazendo parte dos bastidores do seu time do coração de 1989 a 1992, como presidente do Conselho Deliberativo do Clube. Dedicou-se ao Santos com tanta entrega que várias vezes chegou a tirar dinheiro do próprio bolso para pagar as contas do clube. Os diretores lhe pediam para não abandonar o Santos. E ele sempre atendeu aos pedidos, não importava quem estivesse no comando.

Em 2003, uma merecida homenagem lhe foi prestada: o Memorial das Conquistas do Santos E.C. recebeu o nome do ex-dirigente.

O filho Marcelo, desde a infância, acompanhava Milton em suas incursões pela Vila. Tornou-se, como ele, um apaixonado pelo time. Orgulhoso, Milton Teixeira preparou o terreno para que seu filho, Marcelo Teixeira, assumisse a presidência do Alvinegro da Vila Belmiro (1991 a 1993 / 2000 a 2009).







# Uma vida dedicada ao conhecimento

